

Camilo Penna convoca o empresariado para "trabalho de pressão"

por Vera Soárez Durão
do Rio

"Se os credores exigirem que, para pagarmos nossa dívida externa, trabalhemos menos, dentro de um esquema recessivo, não vão receber", afirmou ontem o ministro da Indústria e do Comércio, Camilo Penna, durante a abertura dos trabalhos do 14º Congresso do Instituto Brasileiro de Siderurgia (IBS). Penna destacou que o setor exportador, funcionando como "motor de arranque", pode "esquentar a economia", mas a solução do problema do endividamento externo do País "é crucial para a vida brasileira".

O ministro acha que a carta dos devedores deu início a uma segunda fase "político-diplomática" da renegociação da dívida do Brasil, que em sua primeira fase "técnico-financeiro-contábil" procurou mostrar ao mundo ser "um devedor austero e capaz de sacrifícios", mas não teve uma contrapartida dos credores, que continuaram "a escalada dos juros".

Ao falar a um plenário de industriais do setor siderúrgico, Camilo Penna convocou o empresariado, "principalmente as multinacionais", a aderir a este "trabalho de pressão junto aos credores", iniciado agora pelo Itamaraty, para que eles revejam as condições de pagamento da dívida brasileira. "Se esta segunda fase não der certo, passaremos para uma terceira", disse, rechaçando, porém, uma saída "boliviana", pois "a estratégia básica do Brasil é a honradez".

O ministro considera, porém, importante que a reunião a ser realizada neste mês pelos ministros das Finanças dos países devedores parte para exigir do Fundo Monetário Internacional (FMI) uma posição de "simetria" também dos credores em relação aos devedores: "É preciso que o FMI estabeleça também uma disciplina para os credores", disse Penna.

Além da renegociação em novos moldes da dívida externa, Camilo Penna citou o combate à inflação



Camilo Penna

como fundamental para evitar uma "séria crise social" no País. Ele conclamou os empresários a participar de um "mutirão" contra a inflação "que leva a instabilidade entre as famílias assalariadas e estimula os negócios ilícitos, que prosperam tanto na área do governo quanto no setor privado, pois a inflação camufla a realidade de preços e de mercado", concluiu.

Também o presidente do IBS, Paulo Villares, em seu pronunciamento aos congressistas, pela manhã, destacou que a recuperação da economia brasileira deverá passar, necessariamente, por um processo de renegociação da dívida externa brasileira com o sistema financeiro internacional. O empresário não crê, porém, que tal processo de entendimento possa ser concluído a curto prazo. Ao se referir à questão do protecionismo por parte dos países desenvolvidos, principalmente em relação à exportação de aço, Villares alertou para o fato de que "estes países devem conscientizar-se de que a capacidade de pagamento das dívidas dos países do Terceiro Mundo depende da geração de saldos em sua balança comercial". Lembrou que, para isso, "torna-se necessário a cooperação do mundo desenvolvido, no sentido de praticar políticas comerciais mais justas, que favoreçam a ampliação do comércio internacional, principalmente com os países devedores".